

**PARA UMA POÉTICA DA VIDA:
TIBÚRCIO CRAVEIRO, UM AUTOR DESCONHECIDO
DO ROMANTISMO BRASILEIRO**

Ricardo Hiroyuki Shibata (Unicentro)
rd.shibata@gmail.com

RESUMO

Há muitos escritores, cujo impacto na cultura brasileira do século XIX foi relevante, em particular, entre os seus contemporâneos, porém, hoje em dia, infelizmente, acabaram esquecidos pela constituição de um cânone literário fundado tão somente em critérios ficcionais. Tibúrcio Antônio Craveiro foi uma dessas figuras centrais não apenas por ter sido um dos primeiros divulgadores de Lord Byron no Brasil, mas também pela mitologia que se criou em torno de sua biografia. A partir desse resgate estratégico, é preciso examinar o contexto histórico e discursivo mais imediato em que produziu Tibúrcio Antônio Craveiro, sobretudo a partir da convergência entre os conceitos românticos de biografia e de obra literária.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Século XIX. Lord Byron.

ABSTRACT

There are many writers whose impact in the Brazilian culture of the XIXth century has been relevant, in particular, among their own contemporaries, however, nowadays, unfortunately, has finished forgotten by the constitution of a literary canon only established in terms of fictional criteria. Tibúrcio Antônio Craveiro was one of these fundamental writers not only by the fact for having been the first one to spread the work of the British poet Lord Byron in Brazil, but also by the mythology created around his biography. According to this strategic rescue, it is necessary to examine the immediate historical and discursive context in which Tibúrcio Antônio Craveiro has produced, especially in terms of the convergence between the romantic concepts of biography and literary work.

Key words: Brazilian Literature. XIXth century. Lord Byron

1. Introdução

Um aspecto curioso do mal-do-século no Brasil, no século XIX, é o tema da morte e seus correlatos (ambientes fantasmagóricos, pactos demôníacos, viagens ao além-túmulo etc.) ligado estrategicamente à sexualidade. Como diz a historiadora Mary del Priore (2017, p. 133), a figura da morte, em suas formas mais disfarçadas, vinha à noite, geralmente em sonho, seduzir jovens donzelas com sua voz lânguida e seus carinhos

eróticos. Sempre de modo velado e indireto, essa ambientação sexual era sempre criada de modo a aparentar um jogo de amor e de sedução, em que os personagens davam a alma em troca de um prazer sensorial e eminentemente carnal.

À época, um pouco por todos os aspectos privilegiados da vida social, a morbidez dava o tom sinistro à literatura e às artes em geral, sendo o corpo morto objeto de fascínio e de curiosidade. A cor cadavérica (cinza, azul, esverdeado) virou preferência entre os pintores e a descrição da mulher amada em poemas e em romances também seguia essa paleta cromática. Nos túmulos, as imagens de anjos com olhos voltados para o céu ou a caveira com seus ossos expostos, denunciando o esqueleto carcomido pelos vermes – elementos votivos que metaforizavam o fim da existência humana desde a Idade Média –, cederam lugar à figura de belas mulheres em vestes transparentes e com os seios à mostra.

2. Uma poética da vida

Na corte brasileira do Rio de Janeiro, especificamente, essa moda se deveu em grande medida à participação de Tibúrcio Antônio Craveiro (1800-1844), português de origem e intelectual de ponta do Segundo Reinado, em que vaticinava o imperador D. Pedro II. Foi ele quem primeiro traduziu, em 1837, o poema “Lara”, de George Gordon, mais conhecido por seu título nobiliárquico, Lord Byron (1788-1824), cuja fama literária corria pela Europa.

Os intérpretes do Romantismo brasileiro, mais ou menos contemporâneos a Tibúrcio Antônio Craveiro, haviam se ressentido dessa proximidade entre o tradutor e o autor. Para eles, a vida de Tibúrcio Antônio Craveiro era um espelho que refletiu as ações do poeta inglês, em particular, no que tangia à sua atuação política, sua dedicação às letras e seu fracasso amoroso. Segundo informa Pinheiro Chagas (*Apud* ALMEIDA, 1962, p. 135), Tibúrcio Antônio Craveiro nasceu em Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, dos Açores, em 4 de maio de 1800. Em 1820, quando da revolução liberal, Tibúrcio Antônio Craveiro foi um de seus partidários de primeira ordem. Por isso, em 1823, por conta da reação monarquista, ele foi obrigado a se exiliar na Inglaterra. Ali, publicou a sua primeira tradução poética: *Mérove* (Londres, L. Thompson, 1826), de Voltaire, realizada verso a verso, a partir da metrificação e do estilo de Filinto Elísio, cuja influência literária era predominante no período.

Em seu exílio inglês, Tibúrcio Antônio Craveiro, como diz Jorge Bastos da Silva (2005), exerceu uma radical resistência às obras de Shakespeare. Para ele, partidário dos princípios neoclássicos – não por acaso fora tradutor do teatro de Voltaire (François-Marie Arouet) –, o poeta de Stratford-upon-Avon, e por consequência todo o teatro isabelino, apresentava personagens por demais humanas, dotadas apenas daquelas vicissitudes comuns a todos os homens, e não em sua superioridade moral como seres constituídos em sua divindade.

Em 1826, emigrou para o Brasil, assumindo a cátedra de Retórica do recém fundado colégio D. Pedro II. Foi justamente no exercício dessa função docente que se pode encontrar grande parte de sua produção literária. Publicou, em 1828, uma tradução de *Mithridates* (Rio de Janeiro, Rua Ogier & Cia), de Racine; em 1831, uma versão do poema *Ermeaconville ou O Túmulo de João Jacques Rousseau* (Rio de Janeiro, Thomás B. Hunt), de autor anônimo; em 1833, um *Compêndio de História Portuguesa* (Rio de Janeiro, Rua Ogier & Cia) e, logo após, em 1834, um “Apêndice” ao *Compêndio da História Portuguesa* (Rio de Janeiro, Typ. Americana de I. P. da Costa); em 1837, a tradução de *Lara: Romance de Lord Byron* (Rio de Janeiro, Austral); e, em 1842, um *Discurso acerca da Retórica* (Rio de Janeiro, J. Villeneuve & Cia).

A este quadro impressionante de obras de vária ordem produzidas por Tibúrcio Antônio Craveiro, deve-se acrescentar *O Discurso acerca da Tragédia*, publicado no Rio de Janeiro, pela Typographia E. & H. Laemert, escrito em data ignorada e cujo paradeiro é desconhecido, conforme afirma Inocêncio Francisco Silva. Porém, felizmente, podemos encontrar essa mesma obra reimpressa em Lisboa, pela Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, em 1843. (SILVA, 1862, vol. 7, p. 369)

Ainda nesta estadia carioca, Tibúrcio Antônio Craveiro foi nomeado membro do Instituto Real de França e depois do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, pedindo licença posteriormente para tratamento de saúde na Europa. Em Portugal, a doença se agravou (suspeita-se) por cultivar um amor impossível e, portanto, condicionado ao fracasso. “Uma violenta paixão que sentiu por uma senhora, de quem o separava a desigualdade das condições sociais, levou-o a procurar na ausência um remédio ao profundíssimo desgosto que o lacerava”, diz Inocêncio Francisco Silva. Nem mesmo o sucesso da publicação, em 1843, de seu *Um ensaio sobre a tragédia*, com sucessivas reedições, e a sua nomeação para o Conservatório Real em Lisboa foram suficientes para consolar seu “espírito atribulado

pela funesta paixão que dele se apoderara”. (*Idem, ibidem*)

Conforme Pinheiro Chagas (*apud* ALMEIDA, 1962), Tibúrcio Antônio Craveiro viajou do Brasil em julho de 1844 com destino aos Açores, mas nunca chegou a seu destino. No meio da viagem, teria supostamente cometido suicídio ou simplesmente falecera pelo agravo de uma enfermidade de que há muito padecia. Esse fim trágico, com fortes lances sentimentais, muito semelhante ao destino de Byron, foi devidamente posto em destaque por Sacramento Blake: “foi vítima de uma paixão amorosa por uma jovem que não podia ser sua esposa”. (CHAGAS, 1895, p. 302)

Para José Ricardo Pires de Almeida, historiador que escrutinou o byronismo no Brasil no século XIX, Tibúrcio representava uma figura humana de características muito peculiares. Levava uma vida dissoluta, em que não faltavam orgias sexuais e toda a sorte de bizarrices. Fora, de fato, o temperamento mais sombrio dentre os seguidores, no Brasil, do famoso poeta inglês Lord Byron. Tinha uma figura horripilante que metia medo. Seu gabinete de trabalho, que ele-mesmo denominava “caverna de sangue”, era inteiramente pintado de vermelho e possuía como peças decorativas várias múmias, cabeças decepadas, com os olhos esbugalhados e cujos lábios ressequidos de dentes muito brancos, denunciavam um sorriso sardônico. No teto, pendurados, estavam hediondas cabeças de índios com cortes transversais na face. Nas paredes, gravuras que ilustravam passagens do *Inferno* de Dante Alighieri, de suplícios da Inquisição, de batalhas cruentas e de cenas de massacres.

Essa atmosfera em que reinavam aspectos por demais macabros, particularmente curiosa, continuava com as suas preferências literárias:

A modesta biblioteca do emigrado português estava de perfeito acordo com a fúnebre galeria de seu aposento, pois catalogava unicamente obras, cujos assuntos eram enforcamentos, terremotos, desastres, grandes epidemias, pestes negras, cemitérios, hospitais de sangue, causas célebres, magia negra, cabalística, documentos sobre malefícios, escrituras em pele humana, pactos com o diabo, fórmulas de esquecidos filtros; obtenção, e efeitos dos mais sutis venenos das clássicas pitonisas. (1962, p. 136)

A essa temática sobrenatural, acrescia-se a matéria especulativa da ortodoxia católica, presente na *Suma Theologica* de Tomás de Aquino, e obras católicas de demonologia, em especial, aquelas votadas ao exorcismo e expulsão dos maus espíritos. Além disso, Tibúrcio Antônio Craveiro colecionava objetos curiosos: instrumentos de tortura da época da Inquisição (cavalete de suplício, tronco e chicote, cepo e machado para decapitação); uma pequena guilhotina servia de aparador de charutos; e,

em cima da escrivaninha, caveiras envernizadas (de fato, eram crânios humanos roubados a um cemitério) e um crucifixo com a figura de Jesus sangrando após o suplício.

Sua mesa de trabalho era uma lápide negra, trazida da sepultura de uma donzela, filha de um carrasco, que fizera fama pela quantidade de execuções que perpetrara. Para a iluminação, servia-se de cinco grandes velas negras, como aquelas que os sentenciados à fogueira inquisitorial seguravam nas mãos antes de serem justiciados. Ao lado, vários frascos de venenos mortíferos; cada um, com tempos diversos de atuação a depender da morte que se pretendia. Aos curiosos, Tibúrcio Antônio Craveiro, com zelo irônico, dizia que se tratava somente de licores, cujo objetivo era presentear os mais queridos amigos. As “esquisitices” contemplavam, ainda, espadas, punhais e lâminas de diversas naturezas, mas sempre com fio aguçado, que eram pendurados à porta, como se fossem cabides. A iluminação era feita por velas vermelhas e pretas, que, como dizia a tradição, eram comumente levadas pelos condenados à morte por enforcamento.

Esse pequeno cenário de horrores quadrava perfeitamente com a personalidade do próprio Tibúrcio Antônio Craveiro – algo entre sádico e manipulador. Certa feita, relata José Ricardo Pires de Almeida, Tibúrcio Antônio Craveiro concebeu uma artimanha para levar um operário da miséria à loucura e, por fim, ao suicídio. Tibúrcio Antônio Craveiro se hospedara, logo após a sua chegada ao Rio de Janeiro, numa pensão, em que uma das dependências era ocupada por um operário que mantinha, em estrito sigilo, uma jovem rapariga sob cárcere privado sem perspectivas de libertá-la tão cedo.

De modo perverso, frio e calculista, Tibúrcio entrou na convivência do casal e por meio de manipulação e tortura psicológica, incutiu no pobre homem a mania de perseguição. Tal foi o intento que o homem acabou enlouquecendo; não comia, nem bebia; foi demitido do trabalho; vivia em extrema miséria e acabou cometendo suicídio, jogando-se pela janela do segundo andar de onde morava. Depois disso, foi o próprio Tibúrcio que enlouqueceu; num rompante, abandonou tudo e viajou para os Açores, sua terra natal, levando consigo todo o estranho arsenal de objetos macabros.

Foi também Pires de Almeida quem revelou, de modo romanceado, as causas da fatídica morte de Tibúrcio Antônio Craveiro. Diga-se de passagem: uma morte condizente com a vida que levou, ou seja, muito de acordo com a imagem trágica dos heróis românticos. Tibúrcio Antônio Craveiro havia viajado para lugar desconhecido, como tentativa de fugir

do remorso por uma existência que se passara de modo tortuoso e pelo temor dos sofrimentos que iria encontrar no além. Sua morte (até hoje) continua sendo um mistério. Provavelmente (arrisca Pires de Almeida), tratou-se de um suicídio. (ALMEIDA, 1962, p. 136-140)

Se a agitada biografia e a extensa produção literária de Tibúrcio Antônio Craveiro impressionam, Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, por sua vez (1895, p. 301-302; COUTINHO, 1990, vol. 1, p. 480), relaciona ainda uma série de obras de Tibúrcio Antônio Craveiro que não foram elencadas por Pinheiro Chagas:

- *Historia breve dos acontecimentos da província do Pará* desde a gloriosa época de sua independência política em 1823 até setembro de 1831 por um paraense. Bahia, 1831.
- *História do Brasil* desde a chegada da real família de Bragança, 1808, até a abdicação de D. Pedro I em 1831 por Armitage. Tradução do inglês por um brasileiro. Rio de Janeiro, 1837.
- *Historia criminal do governo inglez* desde as primeiras matanças da Irlanda até o envenenamento dos chins, por Elias Regnault. Tradução do francez, anotada e augmentada com a história de muitos factos modernos, tanto no Brazil, como nos domínios de Portugal, por um brasileiro. Rio do Janeiro, 1842, 2v.
- *Oração* pronunciada a 12 de dezembro do 1841, dia da distribuição dos prêmios do collegio Pedro II, polo professor de rhetorica do mesmo collegio. Rio do Janeiro, 1841.

3. Lord Byron, por Tibúrcio Antônio Craveiro

A despeito dessa vasta produção intelectual – certamente, de vária ordem e diapasão – e de uma vida com inúmeros revezes, Tibúrcio Antônio Craveiro acabou ficando para a história literária como o grande divulgador de Byron, que, por esse período, era, sem dúvida alguma, o protótipo de poeta romântico. Isto terá enorme repercussão para a fortuna crítica de Craveiro, pois foi possível aproximá-lo (e até confundi-lo) com a vida do próprio Byron. Uma breve entrada pela biografia de Byron pode esclarecer esse ponto.

O “bardo Inglez”, conforme diz Tibúrcio Antônio Craveiro, em sua pouco conhecida quanto relevante “Vida de Lord Byron, recopilada da de

John Galt”, nasceu em Londres, em 22 de janeiro de 1788. De família nobre, que remontava aos tempos de Guilherme o Conquistador, o jovem Noel Gordon Byron logo assumiu o título de Lord pela morte do tio em 1798. Era, porém, aluno relapso, passando por escolas em Nottingham, Dulwich e Harrow. E foi nesta cidade que conheceu e se apaixonou perdidamente por Miss Chaworth; a sua primeira e grande desilusão amorosa, pois não foi correspondido.

A partir desse desgosto amoroso, começou a sua carreira literária; inicialmente, sem muito sucesso. Estudou em Cambridge e, posteriormente, em 13 de março de 1809, conseguiu assento na Câmara dos Lordes, na cidade de Londres. Nesse período, deu início as suas viagens internacionais (possivelmente em missão de caráter diplomático). Visitou Lisboa, sul da Espanha, Gibraltar, Itália, Grécia, Constantinopla, Atenas, retornando à capital londrina em julho de 1811. Em 2 de janeiro de 1815, casase com Miss Milbank, por conveniência e sem muita afeição de ambas as partes. A vida luxuosa e desregrada, causou-lhe a ruína completa. Aliás, a bancarrota e o endividamento, conquanto a sua ascendência aristocrática, fora a tônica de toda a sua existência. A esposa, com a desculpa de visitar o pai, nunca mais retornou. Tratava-se de um divórcio tácito.

Foi a época do segundo período das viagens internacionais de Byron: Bélgica (conheceu Waterloo, lugar da derrocada definitiva de Napoleão Bonaparte), Suíça e Itália. Em Ravena, na Itália, em 1819, conheceu a condessa Guiccioli, uma jovem de 18 anos, que era, porém, casada. A paixão de ambos foi imediata. Depois de raptá-la de um convento, onde o marido a aprisionara, teve com ela duas filhas. Por conta das acusações de apoiar o partido liberal, fugiu para Gênova, em 1822. Ali, simplesmente abandonou a esposa. Em 1823, estava na Grécia, apoiando a luta pela libertação contra o domínio turco.

Em 1824, foi nomeado comandante de um esquadrão de tropas gregas no cerco de Lepanto. Em 12 de abril de 1824, caiu enfermo após uma chuva torrencial; provavelmente, havia contraído uma forte pneumonia. Morre em 19 de abril, às 11 horas da noite. Seu corpo foi embalsamado e enviado para Londres. Era a morte gloriosa daquele que, segundo avalia Tibúrcio Antônio Craveiro, merecia, sem dúvida alguma, “logar sumamente distinto entre os poetas da primeira ordem” do século XIX. (CRAVEIRO, 1837, p.12)

John Galt, escritor e político escocês, que Tibúrcio Antônio Craveiro alega ser a fonte da biografia de Byron, havia publicado, em Londres,

em 1830, *The Life of Lord Byron*. O livro era uma homenagem ao autor por quem John Galt nutria grande admiração, porém não apenas por suas virtudes literárias (o que era certamente um dado importante), mas porque, em Byron, John Galt reconhecia um percurso exemplar de vida. Uma personalidade singular, dotada de tal riqueza de caracteres, de erros e de acertos, que deveria ser devidamente narrada. Aquele que viveu, segundo suas próprias regras e ao sabor da própria vontade. Biografia (“o homem”) e literatura (“o poeta”), conforme John Galt, eram indissociáveis, sobretudo se pensarmos que se tratava de alguém, cujo talento se manifestou precocemente (“Ele aproveitou seu *status* social superior, e tinha consciência de que possuía enormes talentos”) e cuja origem nobre (“sua inata superioridade”) sempre foram aliadas à infelicidade de ter nascido com uma deformidade. (GALT, 1830, p. 56)

John Galt refere-se ao fato de Byron possuir um dos pés atrofiados e andar, por conta disso, de modo claudicante. O que conferia um enorme contraste com a fama que Byron gozava à época de ser um homem considerado particularmente belo e, portanto, com pendor para seduzir mulheres. Por consequência dessa deformação, Byron tinha um ar taciturno e melancólico; um sentimento de inadequação social e revolta permanentes que o conduziam à misantropia. Entretanto, sua genialidade literária revelava a constituição de uma alma sensível, com ilimitada capacidade imaginativa, em que se misturavam orgulho (por nascimento aristocrático), sofrimento (pelas inúmeras aventuras infelizes em que se meteu) e pobreza (rapidamente dilapidou a fortuna que herdara da família e vivia constantemente endividado). Tratava-se, em verdade, de “um fenômeno curioso no destino individual, que o progresso de sua fama como poeta deveria ter sido tão semelhante à sua história como homem”. (GALT, 1830, p. 67)

Tibúrcio Antônio Craveiro nada diz sobre a deformidade física de Byron, que lhe causara inúmeras insatisfações na vida, inclusive sendo a causa de sua inadequação social e de seu humor melancólico e ensimesmado, com seus acessos de raiva e revolta repentinas; muito menos, da riqueza que foi dilapidando aos poucos, pela vida de luxo e extravagância que levava, até findar na pobreza e na ruína material.

Parece claro que, a partir do recorte realizado por Tibúrcio Antônio Craveiro, o que se tinha em mente era criar um certo retrato de Byron a partir de suas inúmeras viagens (seu espírito aventureiro e sua rebeldia) e das mulheres que amou voluntária ou obrigatoriamente – quer dizer, aquilo que ocorria com o próprio Craveiro. A imagem é de um jovem constantemente insatisfeito, repudiado e incompreendido pela sociedade

excessivamente conservadora em que vivia, por isso mesmo infeliz com a própria existência e que buscou, em todos os momentos, em outros lugares, nas diversas aventuras que teve, a inspiração para a sua obra poética – um escritor de grande talento; um gênio literário, sem dúvida alguma.

Pelas notas que Tibúrcio Antônio Craveiro interpôs no final de sua tradução do poema *Lara*, de Byron, podemos perceber perfeitamente que a fonte biográfica para as peripécias do poeta inglês foi a primeira edição das *The Complete Works of Lord Byron*, publicada em Paris, em 1835, pois é justamente ali que se encontram, por exemplo, os comentários de Walter Scott às obras do poeta inglês.

Ora, nesta 1ª edição, consta também a biografia de Byron escrita por John Galt. O que demonstra que a visão de John Galt sobre a vida de Byron havia se transformado em obra de referência para seus admiradores e para os escritores que nele se baseavam para constituir poética própria. Mais ainda: John Galt havia sobrepujado outra famosa biografia – aquela publicada por J. W. Lake, em *The Complete Works of Lord Byron* (Paris: Didot, 1825).

Essa profusão de biografias era moeda corrente no período, revelando a enorme curiosidade que o público leitor nutria pela figura de Byron, sobretudo se considerarmos à sua fama de nobre irrequieto e ao sucesso de suas obras literárias. De fato, esses aspectos, seus primeiros biógrafos – tanto John Galt, como J. W. Lake, e, depois deles, Tibúrcio Antônio Craveiro – sempre fizeram questão de destacar: suas aventuras pelo mundo, sua precoce genialidade literária (nem sempre compreendida), o interesse ativo pelas mulheres (a facilidade com que entrava e saía de relacionamentos amorosos era uma constante), seu nascimento em berço de ouro e posterior miséria material e endividamento) e seu temperamento individualista e intempestivo, alternando momentos de depressão e euforia.

Para J. W. Lake, as Musas nunca abençoaram um autor, de alma dilacerada, com tantos dotes artísticos. Lord Byron tinha sido então o grande exemplo daquele que transmitiria ao mundo as dores e pesares da existência humana por meio de sua própria trajetória de vida, tortuosa e infeliz. Uma singular combinação de sensibilidade afetiva com imaginação criadora, que constituiria o cerne do “temperamento poético” (LAKE, 1826, p. 3). “Se houve outrora um homem que reclamou para si esse caráter em toda a sua força e em toda a sua fraqueza, com seu transbordar aos píncaros da felicidade e sua particular sensibilidade de prazer e dor, este

homem foi Lord Byron” (LAKE, 1826, p. 4)

Tal fato reverteu para Byron em uma terrível maldição e derrocada pessoal, pois se tratou de um fardo pesado, como se disse, nunca antes experimentado por nenhum artista. Um presente perigoso, porque a força da imaginação poderia se transformar em caixa de Pandora (a fonte de todos os males) ou em graça divina esculpida na singularidade artística. Em Byron (“o maior poeta que jamais viveu”) (1826, p.4), houve a combinação de ambos. Ou seja, a imaginação descontrolada e sem o uso adequado, descambaria na loucura como a criança que se fascina pelo esplendor momentâneo com os raios de sol refletidos num pedaço de vidro, pensando ser uma joia preciosa. Ou como a fruta no palácio da feiticeira, que perde seu sortilégio quando arrebatada pelas mãos do cobiçoso aventureiro (1826, p.10-11).

J. W. Lake, cujo interesse era operar como crítico literário da obra byroniana, destaca muito propriamente essas fagulhas de alucinação, que só causam arrependimento pelo tempo perdido. De fato, ele se refere estrategicamente ao poder encantatório, de caráter permanente, da obra byroniana, em oposição à efemeridade de certas poesias de ocasião. Em outro lugar, o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, por quem Tibúrcio Antônio Craveiro nutria enorme admiração e cuja vida intelectual comumente era comparada a de Byron, já havia mencionado os efeitos estéticos que a paisagem natural em sua sublimidade poderia causar nos corações humanos, em particular, sua capacidade de incitar um impacto duradouro na alma humana. Não se trata de uma mera afeição (os sentimentos corriqueiros) – como as efêmeras alucinações causadas por certa poesia diletante – , mas de um fervor intenso e de uma paixão desbragada. Foi justamente a força do caráter em Byron, ou seja, sua enorme capacidade de mostrar-se de modo total e transparente em carne e sangue, com suas mazelas e virtudes, que conseguiu estabelecer uma comunhão perfeita com seus leitores. Uma intensidade emocional para revelar os mistérios mais profundos do ser humano (1826, p.12-13).

É importante destacar, aqui, que os escritores de meados do século XIX conseguiam ler os textos de Byron, quer no original em inglês (a linguagem coloquial e o estilo algo desleixado do autor facilitavam o acesso ao conteúdo), quer em traduções, sobretudo a partir da língua francesa, conhecida por ser a língua de comunicação entre a elite intelectual do período. Parece claro que, para eles, a vida de Byron quadrava perfeitamente com a transparência existencial que tanto pretendiam buscar como modelo de vida e que, por repercussão, era tão necessária para fazer frutificar

qualquer produção literária de maior envergadura.

4. A escrita da vida e a valoração da obra literária

Essa junção entre vida e literatura, em que haveria uma correspondência unívoca entre ambas, era fundamental para criar e delinear uma personalidade artística de grande envergadura. Ou seja, conquanto a literatura fundasse seus procedimentos numa arquitetura ficcional, o fazer literário só poderia ser conseguido satisfatoriamente a partir de uma certa experiência de vida. A equação parecia óbvia: um grande escritor só conseguiria conceber uma grande obra literária a partir das vicissitudes e mazelas de sua própria vida, cujo caráter absolutamente singular destacaria-se em suas experiências individuais e irredutíveis – nunca a partir de modelos, de regras ou de exemplos pré-existentes.

A partir de meados do século XVIII, começam a ganhar relevo certas narrativas que tratavam da trajetória de sujeitos individuais, cujas ações e caráter se fizeram exemplares. Nesse sentido, essa “biografia” acabou por se tornar um gênero literário autônomo, do mesmo modo, obtiveram enorme sucesso os diários e as correspondências pessoais. Antes disso, a escrita da vida de um determinado personagem histórico era vinculada necessariamente ao âmbito dos feitos dignos de memória, com verossimilhança realizada segundo os traços da aristocracia (membros das famílias régias e nobres de grande estirpe), com enorme impacto na constituição de serviços e rede de lealdades e inter-dependências, ou mártires que lutaram pelo Cristianismo e pela ortodoxia católica, com estratégia catequista e divulgação de saberes de caráter teológico. (HAMNETT, 2011, p. 122-130; BIGNOTTO, 1992, p. 179-181)

Para o entendimento de Jean-Jacques Rousseau e, a seguir, para o pensamento do Romantismo, pelo contrário, os grandes traços da História, com seus amplos movimentos articulados por uma lógica circular e definidos como “mestra da vida” (BIGNOTTO, 1992), dariam lugar para outra concepção, complementar obviamente, em que a ênfase deveria ser dada às ações humanas na vida social, sobretudo em seus aspectos particulares e individualizadores.

Rousseau é lapidar quando afirma numa célebre passagem de *A nova Heloísa*:

Preferi a leitura das vidas particulares para começar o estudo do coração humano, porque então por mais que o homem se esconda, o historiador o

perseguirá por toda a parte não lhe dando quartel, não lhe permitindo nenhum esconderijo onde possa livrar-se do expectador. (ROUSSEAU, 2010, p. 28)

Ou, para explicitar definitivamente as relações entre a obra literária e a biografia do autor (a sua “alma”, o seu “gênio”), basta ressaltar o que disse Gonçalves de Magalhães, em seu *Discurso sobre a história da literatura do Brasil*, publicado na revista *Nictério*, em 1836:

Convém, é certo, estudar os antigos e os modelos dos que se avantajaram nas diversas composições poéticas, mas não se escravizar pela cega imitação. O poeta independente, diz Schiller, não reconhece por lei senão as inspirações de sua alma, e por soberano o seu gênio. Como não estudamos história só com o único fito de conhecer o passado, mas sim com o fim de tirar úteis lições para o presente; assim no estudo do que chamamos modelos não nos devemos limitar à sua reprodução imitativa. A estrada aberta pelos nossos ilustres maiores, que podemos considerar em caracol em uma montanha, ainda não tocou o seu cume. Quanto a nós, a nossa convicção é que – nas obras do gênio o único guia é o gênio; que mais vale um voo arrojado deste, que a marcha refletida e regular da servil imitação. (*Apud* COUTINHO, 1972, p. 26)

Dessa forma, não se tratava de uma descrição detalhada dos acontecimentos, porém, isto sim, desvelar e apresentar as tramas insólitas de um ser humano. Quer dizer, mais do que contar uma história, o importante aqui era evidenciar os traços de personalidade que fizeram de alguém um grande herói ou personagem relevante.

5. Conclusão

Para finalizar, no limite, essa tarefa, que se subsumia aos aspectos individuais e subjetivos, também era aquela votada a estabelecer as diferenças entre os povos, nações e localidades, ou seja, naquilo que possuísem de característico e particular. O “indivíduo” era uma categoria analítica estratégica como se os românticos adentrassem a um universo todo a ser explorado. Assim, a figura de Tibúrcio, com seus hábitos nada convencionais e a atmosfera de mistério em torno de seu nome, veio ao encontro desse objetivo. Mais ainda: a relevância de Craveiro aumentou quando se buscou aproximá-lo de um nome autor internacionalmente mais famoso, Lord Byron. De fato, o que se fez foi confundir a narrativa de vida de ambos.

É que, conforme dizia Friedrich Schlegel: “Muitos dos melhores romances são um resumo, uma enciclopédia de toda a vida espiritual de um indivíduo genial; obras que tenham esse caráter, ainda que a sua forma seja outra ganham um colorido de romance”. (SCHLEGEL, *apud*

D'ANGELO, 1998, p. 151)

Nesse sentido, enfim, a crítica literária nada mais seria, então, do que o escrutínio dos meandros da vida do autor, por meio de suas cartas, diários, conversas e demais fatos de sua intimidade – os rastros de seu gênio –, cujo reflexo estaria justa e estrategicamente ali em suas obras. Sua função simbólica de maior espectro estaria radicada na natureza de sua produção artística, em que a sua relevância enquanto prática letrada perderia peso para o impacto causado pelas vicissitudes e as mazelas de sua biografia e para a força performativa de sua subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *A escola Byroniana no Brasil*. São Paulo: Empresa Gráfica Carioca S.A., 1962.

BIGNOTTO, Newton. O círculo e a linha. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1992, pp.177-189.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1895.

CRAVEIRO, Tibúrcio Antônio. *Lara*. Romance de Lord Byron. Rio de Janeiro: Typographia Austral, 1837.

COUTINHO, Afrânio (org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas, 1972.

D'ANGELO, Paolo. *A estética do Romantismo*. Lisboa: Estampa, 1998.

DEL PRIORE, Mary. *História da Gente Brasileira*. Império. São Paulo: Leya, 2017.

GALT, John. *The Life of Lord Byron*. London: Henry Colburn and Richard Bentley, 1830.

_____. *The Complete Works of Lord Byron*. Paris, 1835.

HAMNETT, Brian. *The Historical Novel in Nineteenth-Century Europe*. Representations of Reality in History and Fiction. Oxford: Oxford University Press, 2011.

LAKE, J. W. *The Complete Works of Lord Byron, with a biographical and critical notice*. Paris: Didot, 1825.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *The Life of Lord Byron*. Paris: A. and W. Galinani, 1826.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Língua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia Silva Pinto, 1832.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A nova Heloisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SILVA, Innocencio Francisco. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862. 7 v.

SILVA, Jorge Bastos. *Shakespeare no Romantismo Português*. Factos, problemas, interpretações. Porto: Campo das Letras, 2005.